

## Um contador de histórias *mineiraba*: entrevista com Adilson Vilaça

### A “Mineiraba” Storyteller: Interview with Adilson Vilaça

Vitor Cei\*

O homenageado deste número da revista *Fernão* nasceu em Cuparaque (MG), no Vale do Rio Doce, em 1956. No ano seguinte mudou-se com a família para o município de Ecoporanga, no noroeste do Espírito Santo, permanecendo lá até 1969. Aos 13 anos de idade foi viver em Colatina, onde passou a adolescência. Aos 18 anos foi estudar no Rio de Janeiro e formou-se técnico em Química. Em 1977, Adilson Vilaça de Freitas radicou-se em Vitória. Devido ao seu percurso migratório, o escritor considera-se um “mineiraba”, neologismo apresentado na entrevista a seguir.

Se a região ao norte do rio Doce, com suas fronteiras ainda imprecisas entre as décadas de 1930 e 1960, foi contestada pelos governos de Minas Gerais e Espírito Santo, que arvoravam jurisdição sobre o imenso território conhecido como Contestado, o escritor Adilson Vilaça também é disputado por mineiros e

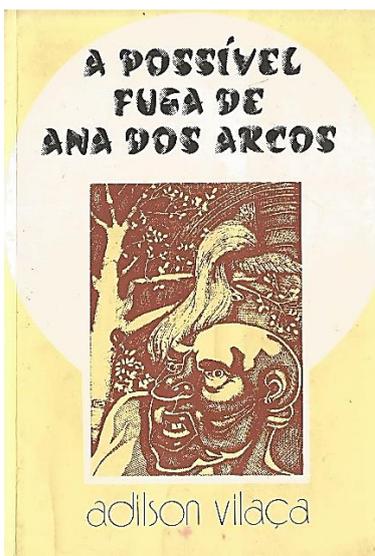
---

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

capixabas. O membro da Academia Espírito-santense de Letras (AESL), do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) e da Comissão Espírito-santense de Folclore mereceu um verbete no *Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros*, organizado por Constância Lima Duarte (2010). Todavia, se a zona contestada foi marcada por “violências e agressões de ambos os lados” (PONTES, 2007, p. 23), a obra do mineiraba pode pertencer pacificamente às duas regiões.

Consagrado como um “griô da herança africana” (RIBEIRO, 2018, [s. p.]), Vilaça foi incluído no terceiro dos quatro volumes de *Literatura e afrodescendência no Brasil*, antologia crítica organizada por Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca (2011) para destacar a importância dos pontos de vista marcados pelo pertencimento étnico afro-identificado na produção literária nacional.

Adilson Vilaça estreou na literatura com os contos de *A possível fuga de Ana dos Arcos* (1984), que recebeu o Prêmio Geraldo Costa Alves de 1983, concedido pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Em 1992, a obra foi adotada como bibliografia obrigatória do antigo vestibular da Ufes.

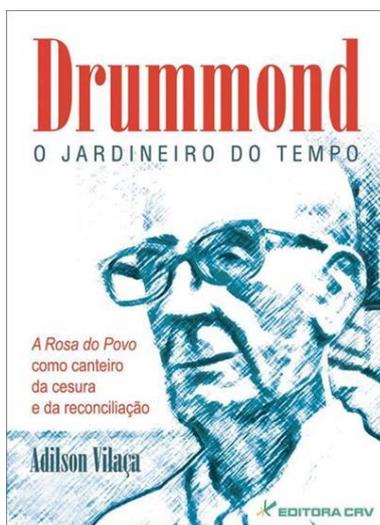


Capa de *A possível fuga de Ana dos Arcos*, primeiro livro de Adilson Vilaça (1984).

Atualmente, Vilaça tem quase meia centena de livros publicados, entre contos, crônicas, novelas, romances, ensaios e pesquisas. Dentre as inúmeras publicações, destaca-se o romance histórico *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*, de 1997 (5ª edição em 2015), sobre a formação e derrocada do Estado União de Jeovah pelo líder messiânico Udelino Alves de Matos, na década de 1950. “O livro é a obra de maior circulação sobre o conflito e chegou a ser distribuído em todas as bibliotecas das escolas públicas do Espírito Santo” (PENA, 2016, p. 15).

Em carreira profissional multifacetada, Adilson Vilaça trabalhou como professor da educação básica e do ensino superior, jornalista, editor e gestor nas áreas de cultura e política. Atualmente é Secretário de Cultura e Turismo de Colatina (ES), município onde já havia atuado como Secretário de Comunicação nos anos 1980 e 1990.

Em 1981, graduou-se em Jornalismo na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde também cursou especialização em História Política e, em 2007, concluiu o mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras, com dissertação sobre *A Rosa do Povo*, de *Carlos Drummond de Andrade*, publicada com o título *Drummond: o jardineiro do tempo* (2010).



Capa de *Drummond: o jardineiro do tempo*, ensaio de Adilson Vilaça.

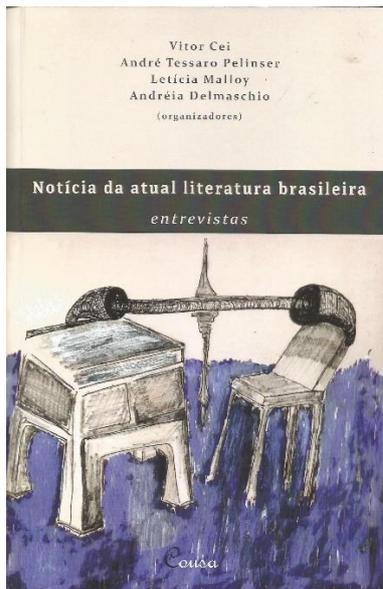
Como editor, Vilaça inaugurou a Edufes, Editora da Ufes, e criou três coleções atualmente operacionalizadas por convênio entre a Academia Espírito-santense de Letras e a Secretaria Municipal de Cultura de Vitória: “Escritos de Vitória”, que aborda aspectos cotidianos do município; “José Costa”, que edita textos inéditos e reedita publicações que têm como referência a memória e a história capixabas; e “Roberto Almada”, que apresenta a biografia de autores capixabas e a análise crítica de suas obras.



Capas dos volumes inaugurais das coleções Escritos de Vitória, José Costa e Roberto Almada, criadas por Adilson Vilaça.

Dentre os inúmeros prêmios recebidos, destacam-se o Prêmio Almeida Cousin, concedido pelo IHGES em 2000, pelo conjunto de sua obra, a Comenda Rubem Braga, recebida da Assembleia Legislativa do Espírito Santo em 2015, e a Comenda “Renato Pacheco”, concedida pelo IHGES em 2017.

A entrevista online estruturada que segue, atividade do projeto de pesquisa interinstitucional (Ufes/UFRN) “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, foi originalmente concedida a Vitor Cei em março de 2019 e publicada no livro *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas* (2020).



Capa de *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas* e página inicial com a entrevista de Adilson Vilaça.

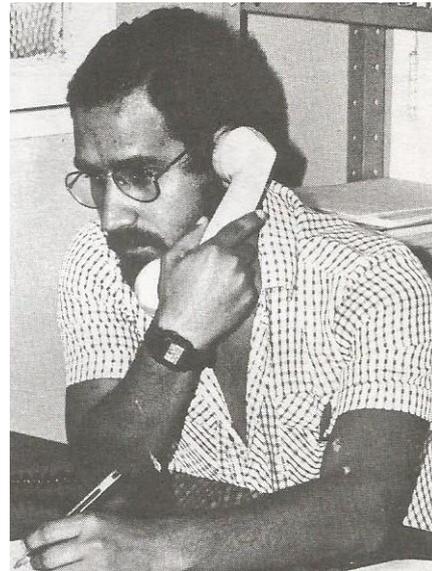
Esta versão, revista e atualizada em março de 2022 para publicação neste número da *Fernão*, “ao performar a narração oral, evoca o sabor das histórias que legavam ao ouvinte algum saber útil para sua vida” (PADILHA, 2020, p. 8).

Seguindo um conjunto sistematizado de questões, estruturadas a partir de um roteiro previamente estabelecido, enviado e respondido por e-mail, registramos o espaço biográfico de Adilson Vilaça como “biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho” (ARFUCH, 2010, p. 151). E a entrevista também “mobiliza um circuito onde proliferam e deambulam traços subjetivos compartilhados [...] e que dá contornos a um extenso painel histórico” (PADILHA, 2020, p. 8) sobre a vida literária contemporânea.

Esta entrevista, assim como as outras que vêm sendo publicadas desde o primeiro número da *Fernão*, compõe um “novo formato de escrever a história literária, tendo como base a entrevista”, servindo aos leitores como “arquivos de história da literatura, da crítica e da cultura que entram em diálogo com outros modos de arquivar a vida literária, crítica e cultural no Brasil”, como observou Haydée Ribeiro Coelho (2021, p. 9).

**V.C.: Francisco Aurelio Ribeiro, no artigo “Adilson Vilaça, o autêntico contador de causos”, publicado no jornal *A Gazeta* em 11 de outubro de 2018, avalia que você é “herdeiro da tradição literária de índios, africanos e europeus, autêntico contador de ‘causos’”. Você poderia descrever as opções formais e temáticas que norteiam seu projeto literário?**

**A.V.:** Tirante uma e outra aventura em mimeógrafo, eu me iniciei no mundo impresso da literatura em 1979, no livro *Poesias – Movimento Literário Universitário*. O dito movimento reunia em verso e prosa oito “escritores” da Universidade Federal do Espírito Santo, com a chancela do Diretório Central dos Estudantes. Eu fazia parte do ruidoso movimento estudantil, como fui parte daquela centelha literária, na condição de poeta. Dos cinco poemas estampados no livro, todos contaminados pela tensão social que caracterizaria minha obra, um deles já nasceria com fatura estética bastante apurada. O poema “Lenda indígena”, que remete à rendição dos Krenaks, meus ancestrais paternos, tematiza a precariedade de uma Nação que se funda sobre os ossos e banhada no sangue dos vencidos. Adiante, em 1980, eu participaria de uma publicação intitulada e resultante do II Concurso Universitário de Contos, patrocinado pela Universidade Federal do Espírito Santo. Eu vencera o concurso, e o livreto reunia os dez primeiros contos classificados. Meu conto “Boca de forno” andarilhava pela cidade com um torneiro mecânico à cata de emprego (eu fui torneiro mecânico!), cuja agonia se somou à de outros desesperados, entre eles um batedor de carteiras e um camelô que vendia panaceias ao público atraído pela jiboia que sustentava o espetáculo; e, com isso, o sustentava – tudo acaba numa delegacia de polícia, com a ordem restabelecida.



Adilson Vilaça (Foto sem crédito).

Em 1983, eu venceria um concurso de contos patrocinado pela Ufes/Fundação Ceciliano Abel de Almeida, com a reunião de 18 contos sob o título *A possível fuga de Ana dos Arcos*. No ano seguinte, a FCAA publicou o livro. Nele, eu já me vi emoldurado no universo de minha produção literária: prosador, narrador da tensão social que martiriza os brasileiros, em especial a imensa e amorfa categoria dos vencidos. No livro em questão aflora a violência, em três camadas expressivas da discriminação: a racial, a social e a de gênero. Estabelecidos o conteúdo e o fundo, resta dizer que minha prosa sempre buscou a inovação da forma, seja pela fusão com a poesia, seja pela arquitetura que modelaria alguns de meus romances.

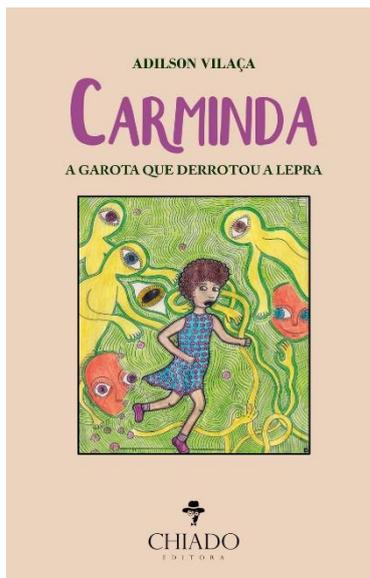
**V.C.: Seu primeiro livro, *A possível fuga de Ana dos Arcos* (FCAA, 1984), recebeu o Prêmio Geraldo Costa Alves de 1983, concedido pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Desde então você já publicou mais de 40 títulos, incluindo romance, novela, conto, crônica e ensaio. Como você define a sua trajetória literária? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu um escritor?**

**A.V.:** Complemento revelando que eu me percebi escritor – melhor, contador de estórias – quando percebi o mundo. Minha avó Krenak (Maria ou, na língua Borun, denominada Ak, a Terra) era preciosa contadora de estórias; e também minha avó galega era excelente narradora (do lado materno, sou descendente da Galícia Espanhola; neto de Efigênia Vilaça, ou, em galego, Ifixênia Villacis) – ambas as avós eram analfabetas, já meus avôs eram mortos quando nasci. Aos cinco anos de idade, eu comecei a escrever as minhas primeiras estórias, que seriam lavadas pela chuva e levadas pelo vento, quando eu nem sequer era alfabetizado. Eu aprendera a desenhar o alfabeto em letras maiúsculas e escrevia intermináveis estórias no chão de minha rua, num tempo em que a vida ainda não era pavimentada. Muitas pessoas se reuniam para assistir à escrita – quase todos eram igualmente analfabetos – e, depois, ouviam a estória. Eu podia iniciá-las, por exemplo, com JBRNOTS ou UHLQMZ ou quaisquer dessas variações, porque desconhecia o truque de formar sílabas, de criar palavras. Quando encerrava a garatuja, eu caminhava até o início dela e começava a “leitura”. O público me acompanhava, as pessoas que sabiam ler silenciavam, animando a minha imaginação. Eu criava as estórias, eu as semeava no chão da rua, o público aplaudia ao fim, o vento as apagava e a chuva conduzia os restos das letras estilhaçadas para o rio. Eu sempre preferia esperar a chuva a ter de apagar a garatuja. Assim, a minha escrita era ritmada por tempo, vento e chuvaradas. Mas eu somente iria me considerar um escritor aos meus 28 anos, depois que o livro de contos *A possível fuga de Ana dos Arcos* foi publicado, após vencer um concurso no ano anterior. Em seguida, fiz melhor, fiz pior; avancei, recuei. Ao conhecer Walter Benjamin, mais do que qualquer outro escritor ou pensador – embora muitos tenham sido importantes em minha trajetória –, eu encontrei a bússola. Com ela, creio que dificilmente irei me perder. As teses de Walter Benjamin ajustaram-me em definitivo com a história dos vencidos.

**V.C.: Você é originário de Conselheiro Pena (Cuparaque), no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. Passou a infância em Ecoporanga, no noroeste capixaba, e radicou-se em Vitória a partir de 1977. Podemos perceber**

**influências dos espaços geográficos/ culturais na formação de sua obra, especialmente em livros como *Cotaxé* (1997; Chiado, 2015), *Carmina* (Chiado, 2017) e *Cartas Fantomas* (Chiado, 2018). Por gentileza, explique como se dá essa influência.**

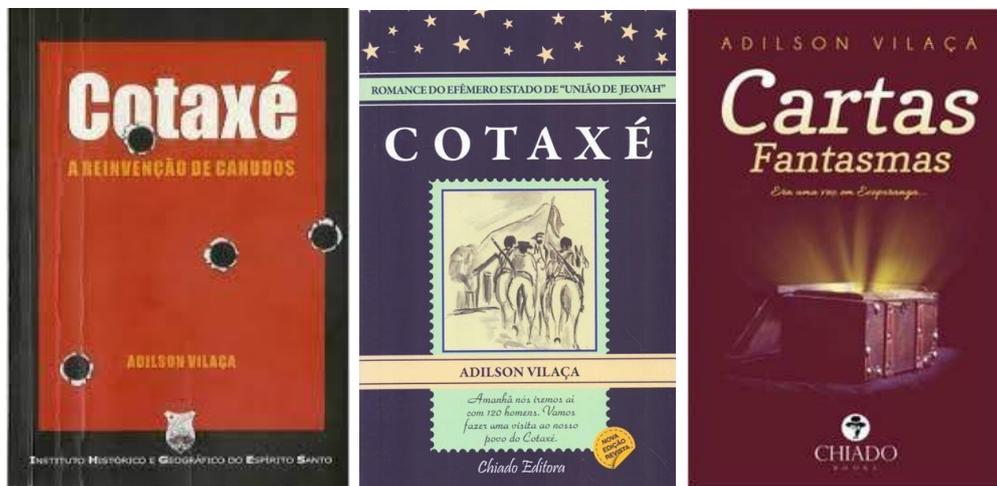
**A.V.:** Sim, claro. Embora tenha saído de Cuparaque (Kuparak, onça pintada), minha terra ancestral, antes dos dois anos de idade, minha família levou consigo o imaginário de dois mundos – o Krenak, o galego. Levou também, nesses intangíveis baús, a formação mineira. Foi uma migração em bando, das duas famílias, cuja saga eu a recupero no romance *Carmina* (Chiado, 2017). Descobri-me humano rodeado por esse legado.



Capa de *Carmina*, de Adilson Vilaça.

E Ecoporanga, no Noroeste capixaba, território Contestado entre Minas Gerais e Espírito Santo, foi palco de encantos, mas também de uma violência extremada, que marcou a minha infância. Lá se fundou o Estado de União de Jeovah, que existiria de 1950 a 1954, com capital em Cotaxé (antiga aldeia dos Cotochés, hoje distrito de Ecoporanga). Estado provisório com hino, bandeira, justiça e milícia, União de Jeovah, que nasceu sob a égide de uma ampla reforma agrária,

foi fundado pelo baiano Udelino Alves de Matos, que tinha como braço direito e armado Jorge Come-Cru, um Pojichá, povo aparentado dos Krenaks. Chegamos à cidade logo depois da derrota dos jeovenses. Pistoleiros contratados por fazendeiros adversários dos jeovenses, mais os policiamentos de Minas Gerais e do Espírito Santo, patrulhavam a cidade e protagonizavam escaramuças e assassinatos diariamente. Sucedeu ao fim dos embates para derrotar o Estado de União de Jeovah, um levante camponês – após migrar em levas para a região atraídos pela radical reforma agrária jeovense, eles se recusavam a devolver os lotes de terras. A resistência estendeu-se à condição de revolta, que somente cessaria em 1962 – evidentemente, com a rendição camponesa. Escrevi sobre esses eventos históricos nos romances *Cotaxé* (aventura jeovense) e *Cartas fantasmas* (levante camponês, espécie de continuidade de *Cotaxé*). Mineiro, afeiçoei-me ao Espírito Santo e à sua História irremediavelmente. Hoje, posso dizer, sou um mineiraba.



Capas das edições de *Cotaxé* e de *Cartas fantasmas*, de Adilson Vilaça.

**V.C.:** Entre os anos de 1980 e 1983, você venceu três concursos literários no Espírito Santo. Em 2000, recebeu do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo o Prêmio Almeida Cousin, pelo conjunto de sua obra. Em que medida os prêmios literários auxiliaram no

## reconhecimento da sua literatura? Como você vê a recepção de sua obra?

**A.V.:** Bem, quando jovem, eu demarquei o crivo de que somente publicaria quando o meu texto passasse por exímia avaliação. Assim aconteceu: assinando como anônimo, fui apreciado por um júri acadêmico e respeitável, além de um crítico literário e do contista João Antônio, nacionalmente conhecido. Os dois concursos anteriores não se destinavam à publicação de livro do vencedor; aliás, suas exigências para inscrição foram de exígua quantidade de textos. Então, o concurso para publicação de livro tornou-se, naquele tempo, ambicionada meta. Os concursos deram-me o brevê: era tempo de voar! A premiação à minha obra, com o “Almeida Cousin”, foi também importante; porque me abriu porta para ser membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, assinalando o reconhecimento pela pesquisa histórica que fundamenta parte significativa de minha produção. O conjunto da obra também me conduziu à Comissão Espírito-Santense de Folclore e à Academia Espírito-Santense de Letras, na cadeira de número 13.



Adilson Vilaça (Foto de Douglas Lynch).



ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS



### Adilson Vilaça de Freitas

#### 5º ocupante

Nasceu em Conselheiro Pena (atualmente, Cuparaque), no Vale do Rio Doce, MG, em 1º de agosto de 1956. Ainda aos dois anos de idade, sua família mudou-se para Ecoporanga, Noroeste capixaba, região do Contestado entre Espírito Santo e Minas Gerais, onde viveu de 1957 a 1969. Radicado em Vitória desde 1977, formou-se em Jornalismo, cursou especialização em História Política e Mestrado em Letras/Literatura na Universidade Federal do Espírito Santo. Autor de 46 livros. É professor universitário, criador do projeto “Escritos de Vitória” e

Adilson Vilaça no site da Academia Espírito-santense de Letras.

Recebi do governo capixaba a Comenda “Rubem Braga”, nosso exponencial cronista, assim como recebi a Comenda “Renato Pacheco”, pelo Instituto Histórico e Geográfico ES – o brilhante e saudoso professor de História Renato Pacheco indicou-me para o “Almeida Cousin”, convidou-me para o IHGES e honrou-me com sua comenda. Todo reconhecimento é importante; porém, nenhum deles equivale à sensação de mais uma obra concluída! Este é o grande, insubstituível e verdadeiro prêmio. São os livros que nos levam ao público – dois de meus livros de contos (*A possível fuga de Ana dos Arcos* e *Identidade para os*

*gatos pardos*) foram adotados em vestibulares da Ufes, alguns dos romances foram reeditados e *Cotaxé* alcançou a quinta edição. Então, sempre é tempo de reiniciar a jornada de Sísifo: meditar enquanto se desce a ladeira, como propõe Albert Camus, e empreender, até o alto da ladeira lenta, como propõe Drummond, “a luta mais vã”, que é a de lutar com as palavras. Bom mesmo foi na infância, quando os meus textos prescindiam da palavra escrita.

**V.C.: O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê?**

**A.V.:** Estamos numa longa transição. Nomes como Drummond, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Antônio Callado, Cecília Meirelles, Clarice Lispector e tantos outros se foram num comboio que deixou a guarda aberta. Faltam-nos peças para reposição. Com a guarda aberta, avança um bando desordenado. Estou nesse roldão.

**V.C.: Quais os principais desafios para a edição e recepção de novos escritores no Brasil de hoje?**

**A.V.:** As editoras são o espelho da acomodação geral. Apostam em vendas e no lucro imediato; tal opção impõe que somente ofertem ao público consagradas obras de domínio público, algumas dilaceradas por sínteses barateadoras. Contudo, a crise que se gerou é transitória; para vencê-la, o remédio é produzir ininterruptamente, exercer a autocrítica da produção, visando à persistente melhoria da fatura estética.

**V.C.: Como você avalia hoje a relação da mídia corporativa com a produção literária brasileira? Você considera que as elites políticas e econômicas reprimem a difusão da literatura e de outras formas de**

## **manifestação do pensamento combativo, como as ciências, a filosofia e as artes?**

**A.V.:** Na quase totalidade de sua programação a mídia corporativa opta pela mediocridade. Um público acrítico e consumista é o ideal para mover a engrenagem do dinheiro. Portanto, o afastamento da criticidade é arma das grandes corporações e das elites políticas e econômicas. Mas devemos fazer o bom combate: produzindo e combatendo justo aquilo que elas endeusam, atuando em favor dos vencidos, que elas exploram e hipnotizam.

## **V.C.: Como você vê o cenário atual do Jornalismo Literário no Brasil?**

**A.V.:** É um defunto insepulto. Finge sobreviver, mas, em larga escala e qualidade, é apenas um retrato na parede das redações. Torcemos para que se reanimem em tempos de qualquer Páscoa!

**V.C.: Atualmente, no Brasil e no exterior, vivemos a ascensão de uma onda reacionária que traz em si matizes racistas, fascistas, misóginos e homofóbicos. Gostaríamos que você nos ajudasse a compreender: onde estava guardada tanta monstruosidade? Houve um ponto ou marco crucial para a detonação de uma circunstância como esta que vivemos hoje? O que você imagina ou espera como desfecho do atual estágio da humanidade?**

**A.V.:** Quando emburrecido, o *homo sapiens* é um animal muito, muito perigoso. Infelizmente, as propostas humanistas à esquerda fracassaram na indicação de caminhos ou de como fazer a caminhada. A liberdade e a dignidade humana pairam por um fio. Os desvios da esquerda, encantada com estilos de vida que são conquistas da exploração contínua ou de corrupção imediata, abriram a Caixa de Pandora da barbárie – porque as esquerdas deixaram de ser alternativa ao fascismo financeiramente gordo e extremadamente obscurantista para se

prostituírem com suas vultosas migalhas. Resta-nos o bom combate: manter livre o espírito crítico, produzir sempre, acreditar que a humanidade, por mais hipnotizada que esteja, será capaz de se reencontrar com a liberdade consciente, que dá sentido à aventura humana.

**V.C.: Em artigo publicado no jornal *A Gazeta* em 23 de janeiro de 2021, você afirmou que “num tempo asfixiado por devastadora pandemia”, “Muito menos é fácil dar vida a uma secretaria cujo encanto não combina com distanciamento social – cultura e turismo são nichos da aglomeração”. “A vacina no horizonte é o alívio bem-vindo”, mas ainda não sabemos o que nos aguarda após a pandemia. Considerando suas experiências como escritor e gestor, você poderia nos ajudar a refletir sobre o papel efetivo e potencial da literatura e, de modo geral, da arte nestes tempos de distanciamento social?**

**A.V.:** Nessa cruenta teia de cotidianidade interrompida, a arte deu nova demonstração de sua atuação na vida humana. Relembrando Ferreira Gullar, “A arte existe porque a vida não basta”. Ela é fundadora da humanidade, porque a matriz cultural é fator que fortemente nos distingue de outros primatas. Dançamos, atuamos, cantamos, pintamos, esculpimos, criamos estórias – muito antes da lapidação da escrita, tão fundamental à civilização. Na pandemia, a literatura, a música e o cinema agasalharam-se novamente nos lares e na emoção reclusa e amordaçada do ser humano. A arte nos salvou da solidão compulsória. E nos levou à descoberta de novos meios e suportes para que as fronteiras da opressão pandêmica não nos enclausurassem por completo. Na gestão cultural, ousamos inventar. A ousadia de fazer festivais de música online, entre as paredes dos estúdios, levou-nos a encontrar audiência muito, muito distante. Não era farto o público, porém descobrimos brasileiros e, em especial, capixabas degredados além-mar, alguns deles no outro lado do Planeta. A biblioteca pública ganhou a visitação sorrateira daqueles que puderam se esgueirar até seus domínios, até o reino das palavras vertido em histórias e conhecimento. A arte

ludibriou a pandemia, ao propiciar uma clausura menos dolorosa. O vírus levou corpos, mas não calou os espíritos. Aliás, como espécie de revanche, muito se escreveu sobre esses estranhos dias. E o saldo é de salvação: da literatura e de todas as expressões da arte.

## Referências

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS. Patronos e acadêmicos. In: \_\_\_\_\_. Vitória: AEL, 2012-. Disponível em: <[https://ael.org.br/patronos\\_e\\_academicos/pagina\\_2.html](https://ael.org.br/patronos_e_academicos/pagina_2.html)>. Acesso em: 1 mar. 2022.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020.

COELHO, Haydée Ribeiro. Literatura, crítica e cultura em debate. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2021. p. 7-10.

DUARTE, Constância Lima. *Dicionário biobibliográfico de escritores mineiros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis; SOARES, Maria Nazareth Fonseca (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

PADILHA, Fabíola. Apresentação. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas*. Vitória: Cousa, 2020. p. 7-9.

PENA, Victor Augusto Lage. *Os posseiros de Cotaxé e o Movimento Udelinista: conflitos de representação*. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2016.

PONTES, Wallace Tarcisio. *Conflito agrário e esvaziamento populacional: a disputa do contestado pelo Espírito Santo e Minas Gerais (1930-1970)*. 2007. 181f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Adilson Vilaça, o autêntico contador de causos. *A Gazeta*, Vitória, 11 out. 2018. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/colunas/francisco-aurelio-ribeiro/adilson-vilaca-o-autentico-contador-de-causos-1018>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

VILAÇA, Adilson. *A possível fuga de Ana dos Arcos*. Vitória: FCAA, 1984.

VILAÇA, Adilson. *Drummond: o jardineiro do tempo*. Curitiba: CRV, 2010.

VILAÇA, Adilson. *Cotaxé*. 5. ed. Lisboa: Chiado, 2015.

VILAÇA, Adilson. *Carmina*. Lisboa: Chiado, 2017.

VILAÇA, Adilson. *Cartas fantasmas*. Lisboa: Chiado, 2018.

Recebida em: 17 de março de 2022.  
Aprovada em: 06 de junho de 2022.